



## **PSICOLOGIA FEMINISTA: UMA ABORDAGEM COMPROMETIDA COM A MUDANÇA SOCIAL**

Kamila Gadelha Farias; Heloísa Maria da Silva Castro

*Universidade Federal de Campina Grande - kamila.gd@live.com; heloisa\_castro@hotmail.com*

**RESUMO:** O trabalho a seguir discute acerca dos pressupostos da Psicologia Feminista originada em torno dos debates da segunda onda feminista das décadas de 1960 e 1970 debruçados a partir das metodologias feministas as quais são reflexos de sistematizações de diversas epistemologias. As metodologias, principalmente as de cunho pós-estruturalista, voltam-se para a reflexividade crítica suspendendo a relação sujeito-objeto em que aspectos sócio-culturais, políticos e históricos se unem na elaboração do conhecimento e a posição do(a) investigador(a) é integrativa no decorrer do processo. As terapias feministas surgem no contexto denunciativo em que acadêmicas reivindicavam lugar às mulheres na comunidade científica a qual excluía e relegava às pesquisadoras e cientistas espaços subalternizados. Adentrando mais ao espaço das terapias feministas o presente documento disserta acerca da violência doméstica cujo silenciamento na sociedade suprime a possibilidade da conscientização dessas mulheres e crianças violentadas, nos espaços terapêuticos tradicionais os procedimentos desenvolvidos acabam perpetuando o ajustamento dos papéis e normas sociais que postergam às mulheres a remediação de problemas estruturais. As terapias feministas propõem o contrário do modelo terapêutico tradicional apolítico na medida em que veem no contexto terapêutico um espaço que pode promover a essas mulheres empoderamento e reflexões acerca de seu lugar no mundo a partir da ressignificação de suas experiências. Com isso, percebe-se a importância da psicologia feminista no tocante ao seu compromisso com a mudança social, minimizando a contribuição da psicologia na perpetuação de desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** Psicologia Feminista, Terapias feministas, mudança social

### **INTRODUÇÃO**

A psicologia feminista surgiu em meados das décadas de 1960 e 1970 advinda principalmente das discussões acerca do feminismo à época que encontrava-se em sua segunda geração. À esta fase do feminismo destacam-se os países da França e dos Estados Unidos que nortearam duas linhas de pensamento predominantes em que a do primeiro país evidenciava a experiência idiossincrática feminina e destacava o processo de diferenciação entre os sexos, já nos Estados Unidos pairava um teor denunciativo às opressões geradas pela dominação masculina ressaltando a importância da igualdade entre os sexos (Narvaz & Koller, 2006). A principal crítica fundamentada à psicologia se referia ao protagonismo androcêntrico o qual estava pautada, o qual enaltecia a hegemonia masculina e negligenciava as experiências femininas relegando-as à subalternidade. Desta forma, a demarcação entre os sexos estabeleceu um limiar que proporcionava aos homens o domínio da esfera pública e às mulheres a privada (Neves & Nogueira, 2004).



Uma definição corrente da psicologia feminista seria enquanto um espaço estratégico entre a psicologia e o feminismo, se afirmando enquanto resposta a um modelo de ciência positivista e androcêntrica que se pretende neutra, tradicional e “asséptica” sem considerar os contextos social, cultural e político, ou seja, a psicologia feminista aposta em um encontro com um reconhecimento dos aspectos socioculturais e psicológicos relacionados à violência de gênero. Como uma subversão e um questionamento à psicologia em si por ter uma prática engajada e comprometida com uma mudança social, também buscando diluir uma perspectiva autocrática e a imposição de um conhecimento universal (SALDANHA, 2013).

Os feminismos se constituem numa pluralidade devido a diferentes concepções de militância, luta e até mesmo do que é ser mulher, além do próprio desenrolar do processo histórico dividida entre três ondas, as quais coexistem entre si até hoje: desde a primeira onda (fim do século XIX até década de 30) pela garantia de direitos civis, políticos e educativos, bem como o sufrágio universal; passando pela segunda onda (décadas de 60 e 70) com a introdução da equidade e paridade e, por fim, a terceira onda com a ênfase das relações de gênero, evidenciando a diferença, a subjetividade e a singularidade das experiências. Em comum, afirmam que homens e mulheres possuem experiências diversas e pleiteia pelas pessoas diferentes serem tratadas como equivalentes e não com igualdade, pois não se deseja o poder e nem oprimir, mas ter condições de vida dignas (NARVAZ E KOLLER, 2006, 2007).

Cabe diferenciar os movimentos de mulheres dos movimentos feministas, em que os primeiros eram movimentos de lutas populares, defensores de causas amplas e com agendas derivadas das organizações de esquerda; já os feministas centravam-se em uma agenda autônoma e específica referindo-se à opressão e às desigualdades existentes entre homens e mulheres criticando inclusive as próprias organizações de esquerda por negligenciarem as questões concernentes às mulheres (NARVAZ E KOLLER, 2007).

A importância da inserção dos feminismos no campo da psicologia se deve ao romper com o naturalismo biológico, como as entidades fixas e naturais, forjadas por meio de hábitos socialmente legitimados, contudo dificilmente percebidos enquanto construtos sociais e morais. A proposta da psicologia feminista é fecunda para o rompimento da restrição da subjetivação, como para recriação de espaços alternativos para ressignificação dessas experiências de sofrimento, pois os discursos de dominação produzem efeitos psíquicos, em que a cultura patriarcal têm efeitos na estruturação do pensamento, produção de sintomas e incentivam a permanência das mulheres em situação de violência (TIMM, PEREIRA, GONTIJO, 2011).



Desta forma, um compromisso ético é disposto pela psicologia feminista a qual busca acolher as demandas, promover a autonomia dessas mulheres e a consciência cívica, através da informação e da formação para educar para a cidadania, sendo a violência de gênero um dos eixos fundamentais para intervenção.

A violência de gênero refere-se a uma gramática sexual que impera sobre as relações e os comportamentos de gênero cujo vetor mais difundido configura-se na violência do homem contra mulher mergulhado em um contexto de falocracia, invisibilidade e naturalização desse tipo de violência, podendo ser encontrado a partir de múltiplas modalidades: violência doméstica, intrafamiliar, psicológica, física, patrimonial, institucional, sexual e moral que podem ter interações entre si. Todavia, esse tipo de vetor não é o único existente, refere-se também a uma dinâmica relacional entre homens, entre mulheres e entre homens e mulheres - inclusive pessoas gay, lésbicas, intersexo, transexuais e transgênero -, tendo a ver com um aspecto mais amplo e complexo (SALDANHA, 2013).

Ressalta-se que a psicologia feminista é um convite, portanto, não é um espaço de conhecimento estático, mas uma forma de compreender a psicologia através de uma metodologia plural, em que o método deve estar a serviço da questão correspondendo como uma contribuição para reflexão com o objetivo de pensar a atuação enquanto profissionais da psicologia. Mais que intervir para além da questão de gênero, consideram-se também questões de classe e raça cujas subordinações marcam corpos e subjetividades.

## **METODOLOGIA**

A metodologia apropriada no presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, com objetivos exploratórios, no sentido de se familiarizar e, sobretudo, explicitar o problema em questão. A pesquisa bibliográfica oriunda de livros e artigos científicos foi o procedimento utilizado imprescindível para levantamento de dados. Ou seja, foi utilizada uma metodologia passível de interpretação e elaboração dos resultados apresentados em conformidade com a proposta do trabalho, o qual é apresentar a psicologia feminista (GIL, 2008).

## **RESULTADOS**

Os resultados conduzem a uma linha de compreensão teórico-prática situando a Psicologia Feminista e em especial as terapias feministas como um mecanismo potente na tentativa de adentrar a fundo no problema da violência doméstica, identificando as nuances desta violência estrutural que



reverbera no seio familiar e se detém ao anonimato. As terapias feministas intervêm na esfera individual para que o contexto social se modifique, distintivamente da concepção patológica clínica tradicional que atua remediativamente ao considerar que o que destoa é da ordem interna do indivíduo (Neves & Nogueira, 2004 apud Good, Gilbert & Scher, 1990).

## **METODOLOGIAS FEMINISTAS**

As metodologias feministas são reflexos de sistematizações de diversas epistemologias, como estratégias ou instrumentos de mudança social, em que se pretende evitar uma visão simplista da realidade através da pluralidade metodológica utilizando vários procedimentos para estudar um fenômeno social, bem como apostam na variedade e criatividade do/a investigador/a (NEVES, NOGUEIRA, 2003; NARVAZ, KOLLER, 2006).

Algumas pesquisadoras afirmam que não importa o método de coleta de dados a ser utilizado desde que haja uma construção e análise por um viés não-sexista, onde se incluem aspectos de gênero e de poder na construção do conhecimento, dessa forma, as abordagens qualitativas são consideradas clássicas nas pesquisas feministas. Já outras investigadoras propõem que as metodologias quantitativas e o uso de testes padronizados são contraditórios aos princípios feministas (NARVAZ, KOLLER, 2006).

Um ideal das metodologias feministas, principalmente relacionado ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo, centra-se na reflexividade, essa se constitui como exercício e instrumento de reflexão crítica, onde se suspende a relação sujeito-objeto, questionando a relação existente entre o conteúdo de uma investigação e a interpretação por parte dos/as investigadores/as. As metodologias feministas podem ser caracterizadas enquanto reflexivas por implicarem a influência de fatores sociais, históricos, culturais e políticos na elaboração do conhecimento e devido aos/as investigadores/as fazerem parte e se envolver ao produzir ciência e discursos (NEVES, NOGUEIRA, 2005).

## **TERAPIAS FEMINISTAS**

As metodologias feministas são um caminho para alcançar um determinado objetivo, como o empoderamento e a consciência cívica da mulher, as terapias feministas se desenvolveram a partir dessas epistemologias, como também acompanharam os desdobramentos teóricos e práticos do feminismo ao longo do tempo.



A aplicação dos pressupostos feministas à psicologia surgiu em meados da década de 70, principalmente nos Estados Unidos, com a criação de grupos de conscientização de mulheres (“*consciousness-raising groups*”), onde as mulheres discutiam suas vivências e suas histórias de vida, com o intuito de desenvolver uma conscientização coletiva através da busca de uma autonomia e da emancipação feminina, identificando a relação entre as suas experiências pessoais e os contextos políticos para a construção de vivências, apesar de não ter objetivo terapêutico a priori, acabavam funcionando por proporcionar um lugar acolhedor e seguro para falar sobre suas experiências (NEVES, NOGUEIRA, 2003; NARVAZ, KOLLER, 2006).

As terapias feministas seriam uma ramificação das metodologias feministas, sendo o efeito emancipatório sua característica mais distintiva, enfatizando a importância do sistema de valores e aspectos políticos, de forma a confrontar os papéis/normas sexuais tradicionais; ao invés de uma tentativa de ajustamento, além de buscar a perspectiva de refletir os problemas individuais enquanto frutos de desigualdade e opressão, relacionados a um fator contextual para explicar a origem de dilemas individuais e familiares, delineando estratégias de resistência frente às violências sofridas. Ao contrário de uma terapia tradicional, a qual se pretende apolítica e livre de valores e atribuem essas questões a construtos intrapsíquicos. Apesar de terem os mesmos princípios das metodologias feministas, ainda há a criação, supressão e sustentação de relações terapêuticas (NEVES, NOGUEIRA, 2003).

Quatro princípios se constituem enquanto norteadores das terapias feministas: atenção dada à diversidade das identidades pessoais e sociais das mulheres, ou seja, a análise e exploração das intersecções entre as múltiplas identidades das mulheres; aumento da consciência da prática feminista à psicologia; reduzir o máximo possível as diferenças de poder-saber existentes na relação terapêutica; valorização dos saberes individuais e as experiências singulares dos indivíduos e das famílias, auxiliando as mulheres a identificar suas capacidades e competências (NEVES, NOGUEIRA, 2003).

Nos artigos pesquisados, a prática revela um público a ser trabalhado pela terapia feminista: famílias, mulheres vítimas de violência doméstica, meninas com histórico de incesto e/ou violência intrafamiliar comumente a violência sexual. Um exemplo de experiência em grupo realizado de psicoterapia feminista com fins acadêmicos revelou nuances da violência contra a mulher, com o objetivo do compartilhamento de experiências através da ressignificação em um espaço politizado e de interação. Algumas Margaridas (como foram denominadas as mulheres participantes desse



grupo) acreditavam na mudança de comportamento e no arrependimento por parte dos agressores, outras mulheres permaneciam por causa dos(as) filhos(as) (TIMM, PEREIRA, GONTIJO, 2011).

Entretanto, a continuidade desses tipos de vínculo se devem à estrutura do patriarcado, que significa os corpos de forma desigual e hierarquizada através de um sistema de crenças. em que se produzem desejos, expectativas e sintomas psíquicos, sendo esse desejo fundado a partir de uma lógica heterossexual e pela ideologia do par amoroso, onde o casamento é tido como uma realização para alcançar o amor romântico e a visão de uma família feliz e sólida (TIMM, PEREIRA, GONTIJO, 2011).

Outro tipo de abordagem a ser ressaltada é a terapia feminista da família, a qual almeja a denúncia dos processos mantenedores do gênero feminino em situação de subordinação e opressão, não sendo um novo modelo de terapia familiar. Contudo pretende incluir as questões de gênero e das diferenças de poder no sistema terapêutico tanto na teoria, quanto na formação e clínica, opondo-se a uma normatização patriarcal das configurações familiares e desconstruindo valores sexistas implícitos, afirmando a competência das famílias não devido a sua estrutura, mas à qualidade das relações fundadas por seus membros e às narrativas construídas sobre elas mesmas, desqualificando ou valorizando suas capacidades, onde a própria terapia sistêmica aponta famílias fora do padrão enquanto disfuncionais, o que legitima um discurso de padrões fixos e estáticos de gênero, e sobretudo, de violência (NARVAZ E KOLLER, 2007). Narvaz e Koller (2007) contestam também os cursos de formação de terapia familiar brasileiros, por não haver uma discussão sobre as questões de gênero e/ou os paradigmas feministas da terapia familiar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A psicologia feminista caracteriza-se enquanto busca e foca na mudança social devido à sua posição mutável numa construção persistente, além de uma prática marginal como as pesquisas relacionadas ao feminismo. Seu ideal é totalmente distinto da psicologia e das terapias tradicionais ao afirmar uma visão política engajada nas dimensões interseccionais, contra o sexismo e em valorizar a experiência das mulheres em busca de autonomia e conscientização política através de uma psicoeducação e orientação.

Percebe-se a importância de uma psicologia que além de firmar um compromisso de mudança social também se preocupa em não reproduzir determinados pensamentos discriminatórios, preconceituosos e legitimadores do status quo, que pode revitimizar a mulher e a culpabilizar pela violência sofrida.



Dessa forma, também foi percebida a marginalidade com relação aos estudos feministas e discussões de gênero presentes, muitas vezes, apenas na pós-graduação, onde há uma liberdade maior com relação aos currículos, estando pouco presente ou mesmo ausentes dos currículos e discussões da graduação, além de estar mais relegada à pesquisa do que ao próprio campo de ensino. Outro ponto a se destacar é a escassez de material acerca de psicologia feminista em si e de essa pesquisa estar concentrada nas mãos de poucos(as) profissionais e teóricos(as), como pôde ser percebido pelo referencial bibliográfico desse artigo com muitos artigos de poucas autoras.

De qualquer forma, é satisfatória a ascensão dessas discussões para contrapor o status quo e a própria produção acadêmica e intelectual, é um ato de resistência a esse modelo androcêntrico, e a atuação para compartilhar e construir esse saber e conscientizar o contexto patriarcal a qual vivemos a outras mulheres é a semente de uma revolução.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NARVAZ, M. G., KOLLER, S. H. Feminismo e terapia: a terapia feminista da família - por uma psicologia comprometida. **Psic. Clin.**: Rio de Janeiro, vol.19, n.2, p.117 – 131, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a09v19n2>>. Acesso em 03/05/2016.

\_\_\_\_\_. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política; vol. 11 n. 3. **Psicologia em estudo**: Maringá, 2006 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>> Acesso em 08/05/2016.

NEVES, S., NOGUEIRA, C. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade, a reconstrução dos espaços terapêuticos. **Psicologia & Sociedade**; 15 (2): 43-64; jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/psoc/v15n2/a04v15n2.pdf>>. Acesso em 03/05/2016

\_\_\_\_\_. Terapias feministas, intervenção psicológica e violências na intimidade: uma leitura feminista crítica. **Psychologica**, 36, 15-32; 2004. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4004/3/artigo%20terapias%20feministas.pdf>> Acesso em 02/05/2016.



\_\_\_\_\_. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação em ciências sociais. **Psicologia: Reflexão e crítica**, 18 (3), pp. 408 - 412, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a15v18n3>>. Acesso em 02/05/2016.

SALDANHA, M. Pontos de intersecção: psicologia, feminismo e violências. **DIÁLOGO**, Canoas, n. 24, p. 35-44, dez. 2013.

SALDANHA, M, SCARPARO, H. B. K, STREY. M. N. Por que não somos todas feministas? **DIÁLOGO**, Canoas, n. 22, p. 107-116, abr. 2013.

TIMM, F. B., PEREIRA, O. P., GONTIJO, D. C.. Psicologia, violência contra mulheres e feminismo: em defesa de uma clínica política. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo , v. 11, n. 22, p. 247-259, dez. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2011000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 05 maio 2016.